

## **Profª Eveline Andrade Dias**

Escola Estadual General Mascarenhas de Moraes – Elias Fausto/SP

### **Relato de Prática**

#### **Título**

Pensar bem nos faz bem. Pensar bem e juntos nos faz melhor.

#### **Resumo**

O projeto foi idealizado a partir da necessidade, observada em sala de aula, de trabalhar de modo mais amplo e diversificado o entendimento e a prática da reflexão crítica como ferramenta essencial para formação cidadã. Conturbações na esfera social e política do país contribuíram para um ambiente conflituoso de pensamento e leitura da realidade, refletida em sala aula. Porém essa efervescência de leituras, pensamentos e dizeres, em uma grande maioria, não se expressava de modo crítico ou mesmo politizado dentro do ambiente escolar. De modo geral, os argumentos, ideias e opiniões, apresentavam aspectos de preconceito, intolerância e discriminação.

Durante a realização do projeto, pôde-se verificar importantes contribuições para o processo de aprendizagem dos estudantes, no que se refere à cultura da prática de leitura, reflexão e escrita, na elaboração da reflexão crítica. Pôde-se observar, também, a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre cidadania e política, uma vez que muito se "fala mal", mas, pouco se "sabe", para construir uma crítica eficiente com capacidade de promover as mudanças necessárias, seja no país, na cidade, no bairro ou mesmo na escola.

Nesse sentido, estudantes e professora desafiaram-se a ler, escrever e dialogar, constituindo uma trajetória de superação, protagonismo e exercício cidadão.

#### **Planejamento**

O projeto Pensar bem nos faz bem surgiu a partir de um desafio pedagógico imposto a mim. Depois de muitos anos atuando no ensino fundamental II com as disciplinas de História e Geografia, aprovada em concurso público, torno-me professora titular da disciplina de Sociologia no ensino médio. Embora tivesse formação acadêmica adequada para a função, fato é que nunca havia lecionado essa disciplina e não foi preciso muito tempo para perceber que os objetivos do estudo da Sociologia, em seu valor essencial na formação básica, passavam longe da realidade vivenciada na sala de aula. Considerando esses elementos, busquei inicialmente cativar a atenção dos estudantes para a necessidade da reflexão crítica pautada em diferentes fontes de leitura, argumentação de ideias, fatos ou opiniões, através de um exercício dialético, usando para isso o estudo da política, da cidadania e do direito.

Compreender o valor da Sociologia, desconstruir os saberes preconcebidos do senso comum e promover a capacidade crítica essencial para formação cidadã efetiva, é uma temática bastante vasta, uma vez que abrange inúmeras perspectivas, especialmente no ambiente escolar. Diante disso, o recorte estabelecido para o desenvolvimento do trabalho foi a temática da política, através do conhecimento da organização do Estado brasileiro, da política como ciência, da noção de direito e de cidadania, considerando-os instrumentos fundamentais para uma efetiva formação cidadã. A principal meta com esse trabalho foi engajar os estudantes em uma proposta pedagógica viva que permitisse a discussão sobre temas atuais,

colocando-os em condição protagonista. Significando, assim, os saberes criticamente, a fim de possibilitar a compreensão de quem eles são enquanto membros da sociedade brasileira.

Muito da apatia presenciada inicialmente nas aulas acusava um estado de não ação desses estudantes, contribuindo para uma noção de que "não adianta fazer nada". E eu sempre acreditei que uma das tarefas principais das ciências humanas na escola é colocar o jovem diante de si, olhar para si e para o outro, a fim de pensar a sociedade em que se vive, não de forma estática, mas de modo protagonista. Mais do que entender que a Sociologia tem um valor, meu objetivo foi permitir que eles percebessem que são capazes de fazer algo para além de somente frequentar a escola, que eles podem, sim, transformar a realidade social em que vivem pela ação de ser, porém para isso é preciso saber, conhecer. Assim, considerei como uma das metas principais o hábito da leitura e da escrita como instrumentos fundamentais para eles se comunicarem com os outros e desenvolverem em si a capacidade crítica reflexiva. Também estabeleci algumas metas mais específicas, associadas aos conteúdos de estudo. Foram elas:

- Possibilitar o conhecimento da organização do Estado brasileiro e suas principais instituições;
- Possibilitar o conhecimento do histórico de formação da Constituição Brasileira;
- Possibilitar o conhecimento do que é um Estado de Direito;
- Possibilitar o conhecimento do que significa ter direito e dever na condição de cidadão da atualidade;
- Proporcionar a interação entre estudantes de diferentes séries do ensino médio;
- Contribuir para elaboração de um pensamento crítico através do exercício de reflexão e análise da organização do Estado brasileiro;
- Possibilitar a utilização de recursos multimídias (computador, celular, data show etc.) e dos meios de comunicação digital (whatsapp, redes sociais e internet de modo geral), de maneira positiva e eficiente;
- Promover o desenvolvimento da oratória, construção de argumentos e defesa de teses, através das atividades de debates e apresentação de seminários e videoconferências;
- Contribuir para o processo ensino/aprendizagem através da prática de leitura/reflexão/escrita e comunicação oral;
- Viabilizar multiplicadores da prática de leitura, análise e debate, a partir da experiência compartilhada;
- Promover o intercâmbio e as parcerias com instituições públicas e privadas, culturais, sociais e políticas, da cidade, região e país, através de programas de cooperação mútua;
- Elaboração, criação e distribuição impressa e digital do livro "Manual do estudante cidadão".

Importante mencionar que as atividades tiveram início em uma turma de 3º ano do ensino médio, mas no decorrer das atividades, os estudantes do 1º e 2º anos também foram integrando-se, consequência da própria dinâmica dos trabalhos que reajustaram a rotina das aulas.

A partir das metas estabelecidas, geral e específicas, três etapas de atividades foram desenvolvidas paralelas à rotina das aulas. Foram elas: leituras e escritas; debates e estudos de campo. Na primeira etapa, antes de desenvolver as atividades propostas, uma revisão bibliográfica se fez necessária para selecionar algumas sugestões de leitura consideradas pertinentes aos estudantes e, também, para

fundamentar teoricamente as abordagens tratadas nas propostas de debates e produções textuais. Com isso, autores como José Murilo de Carvalho, Norbert Elias, Zygmunt Bauman, Roberto da Matta, Lilia Schwarcz, Mário Sérgio Cortella, Gilberto Dimenstein, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, foram essenciais para compor o campo conceitual e reflexível de todas as atividades realizadas.

Outras parcerias além dos muros da escola também foram necessárias, assim busquei a colaboração de profissionais da área do Direito, da Polícia Civil, da Psicologia, das casas legislativas municipal/estadual e professores de outras realidades sociais e escolares que tivessem experiências de projetos focados no protagonismo de jovens. Através desses contatos, os estudantes e eu tivemos a oportunidade de aprofundar o conhecimento acerca da temática principal do projeto e conhecer profissionais que realmente acreditam naquilo que fazem. Feito isso, os materiais e recursos que mais utilizamos foram papel, tinta, muita prosa e "sebo" nas ideias.

### **Diagnóstico**

As atividades foram realizadas na Escola Estadual General Mascarenhas de Moraes, na cidade de Elias Fausto, interior do estado de São Paulo. Com um pouco mais de 16 mil habitantes "o Mascarenhas", como é chamada a escola pela população local, é a mais antiga da cidade e atualmente a única que oferece ensino médio, regular e EJA. Muitos dos estudantes moram em sítios e trabalham na roça junto com seus pais, que em sua maioria são trabalhadores da terra e não seus proprietários. A renda média é relativamente baixa e as expectativas de uma formação profissional para além da vivenciada pelos pais muitas vezes são dificultadas, fazendo da evasão escolar e da continuidade dos estudos um grande desafio.

A partir das questões evidenciadas em sala de aula e com necessidade de dinamizar os trabalhos, em razão do número de participantes, elaborei uma ficha de identificação para traçar o perfil dos estudantes em seu conjunto, independente dos anos de ensino. Fazer a ficha permitiu que eu tivesse uma compreensão maior acerca das motivações e das condições de expectativa dos estudantes em relação ao trabalho na disciplina de Sociologia. Algumas informações obtidas reforçaram entendimentos já supostos, porém, em alguns casos, as respostas indicaram circunstâncias mais diversas do que eu consegui julgar inicialmente. Entre elas, destacaria que os estudantes expressaram, em número significativo, certo hábito de leitura, ainda que essa leitura fosse de conteúdos variados e suportes diversos. Fato é que não encontrei na maioria das respostas uma aversão pela leitura, pelo contrário: expressões como "amo ler", "leio sempre, leio de tudo", foram expressivamente mais registradas do que as "nunca li um livro", "odeio ler". Aliás, essas duas últimas foram citadas uma vez apenas.

Outro aspecto que se apresentou surpreendente foi encontrar um número de registros maior de estudantes que "gostam de estudar". Grande parte manifestou gosto pelo estudo e pela escola, e alguns ainda, mesmo apontando que "não gostam muito de estudar", reconhecem a importância dos estudos para alcançar uma melhor condição de vida. Outro fator interessante refere-se à rotina de estudo em casa. Muitos estudantes informaram que estudam em casa cerca de 30 minutos a 2 horas por dia. Concentram seus estudos em duas frentes: conteúdos e disciplinas que gostam mais e aquelas que encontram maior dificuldade.

Referente às tecnologias, as respostas foram ao encontro daquilo que tem sido bastante discutido na atualidade: trata-se de uma geração digital, em rede, conectada e volátil. Essa geração não assiste mais TV, assiste ao youtube. Não assistem mais novelas, mas as séries no Netflix, pelo computador através da

internet. A maioria absoluta possui celular e o utiliza para mandar mensagens pelo whatsapp e acessar a internet para se comunicar nas redes sociais. Entre a tecnologia e a leitura, há uma relação estreita, muitos leem notícias, informações, artigos no facebook, blogs e aplicativos de leitor digital.

As pretensões estudantis e profissionais indicaram que a maioria pretende dar continuidade aos estudos e ter uma profissão, em nível superior ou técnico, apesar das dificuldades impostas. As áreas são diversas, destacando-se Pedagogia, professor, Engenharia, Veterinária, Psicologia, Direito, entre outras.

Essas informações favoreceram a elaboração do meu planejamento anual e contribuíram para ressignificar algumas impressões pautadas em preconceitos e julgamentos prévios que, de fato, não correspondiam à realidade em si. A ficha de identificação foi elaborada em um formulário do google e ficou disponibilizada on-line para que os estudantes pudessem responder. No campo de anexo desse relato, compartilho alguns trechos do relatório dessa atividade diagnóstica.

### **Desenvolvimento**

O trabalho foi realizado em três etapas que gradativamente conquistaram espaço para além da sala de aula. A primeira foi a revisão bibliográfica de autores e obras que contribuíssem para a reflexão crítica da política, da organização do Estado brasileiro, da concepção moderna de direito e de cidadania. Intitulada "Os livros, os textos e as leituras", foi pesquisado o acervo da biblioteca da escola, da diretoria de ensino e consulta na internet, para selecionar os livros e textos. Percebi o quanto era bom o acervo bibliográfico da escola e como era pouco acionado por professores e estudantes nas aulas, em que o livro didático era quase uma exclusividade. Organizei uma lista com as referências bibliográficas para utilização nas aulas e compartilhei em todas as turmas. Na lista também indiquei os livros disponíveis para leitura na internet.

Durante as aulas sempre levava livros e fazia a leitura de trechos, alguns com referência aos conteúdos de estudo e outros, de caráter literário e poético. Por mais que houvesse conversas paralelas e certa desatenção, comuns em aulas, o momento da leitura era diferente, a atenção e o silêncio imperavam. Antes de sair da sala, chamava um estudante em particular e o convidava para fazer a leitura de um determinado texto ou livro, mas não o fazia de modo impositivo, era um convite: "eu li esse texto e gostaria que você também lesse." Na maioria das vezes, antes de aceitar eles perguntavam: "mas pra que, o que eu vou ter que fazer?" "por que eu?", e minha resposta era simples: "pra gente conversar sobre, trocar uma ideia." No início fiquei surpresa, pois, ao contrário do que eu imaginava, todos os convites foram aceitos.

Com algumas semanas de trabalho, eles me paravam pelos corredores, mandavam mensagens pelo whatsapp para trocarmos ideias sobre as leituras. E outros estudantes também vinham me procurar: "professora, o que ele está fazendo?", "eu também quero participar". Para organizar as devolutivas, marcava reuniões para compartilhar as leituras. As reuniões eram feitas nos dias em que eu não tinha aula, pois assim dispunha de mais tempo para conversar e ler os textos produzidos. A produção de texto não era uma exigência. Eles perguntavam "vou ter que escrever?", "não sei escrever". Eu dizia "podem escrever ou não; não precisa ser um texto, pode ser um comentário ou, se você preferir, uma pergunta, ou pode só falar mesmo." De todas as leituras sugeridas, recebi uma devolutiva oral e escrita. Nesse momento foi fundamental o apoio da equipe gestora e pedagógica da escola, pois, de certa forma, a saída de alguns estudantes de aulas para participar das reuniões não seria possível sem a colaboração e compreensão de todos. Foi criado um grupo no whatsapp para facilitar a comunicação e a troca de ideias.

Isso realmente colaborou para interação entre eles e eu. Ali eram trocadas ideias, textos, entrevistas e vídeos, relacionados aos nossos estudos.

Entre as leituras, destacamos o livro *Pensar bem nos faz bem*, do professor Mario Sérgio Cortella, que inclusive nos enviou um vídeo após tomar conhecimento dos nossos trabalhos. Cidadão de papel, do sociólogo Gilberto Dimenstein e os títulos *O que é educação*, *O que é cidadania*, *O que é política*, *O que é ideologia*, da coleção “Primeiros Passos”. Como não tínhamos muitos exemplares dos livros que não estavam disponíveis em PDF, dividíamos as leituras e cada estudante fotografava com o celular seus textos. O celular foi uma ferramenta essencial nessa etapa. Os textos produzidos por eles eram entregues escritos à mão, eu fazia a leitura e algumas observações, devolvia a eles, eles consideravam as observações, reescreviam e me devolviam. Todo esse material, fui arquivando para compor um livro que seria um dos produtos finais do trabalho, mas que infelizmente não foi possível realizar. Na avaliação comentarei melhor sobre esse episódio.

Observava o envolvimento crescente deles nas aulas e percebi como a devolutiva de qualquer atividade escrita por eles, com observações e sugestões, era aguardada e acolhida. E aquela apatia identificada inicialmente foi deixando de existir. Claro que não em uma totalidade, nem todos se interessavam com a mesma intensidade e compromisso, mas era evidente a mudança de postura e atitude em relação à leitura, à escrita, à exposição de argumentos e mesmo em relação aos estudos. E as falas de “não sei escrever, não vou fazer” foram sendo substituídas por “profe, fiz um texto, queria que você lesse.”

Conforme já relatei, o trabalho nasceu do impacto vivido por mim ao lecionar a disciplina de Sociologia para o ensino médio. Além da ausência de reflexão crítica diante das problemáticas sociais e políticas presentes no país, comentários de carácter radical e intolerante indicavam mais que apenas acúmulo de informação e falta de conhecimento, falas como “não adianta fazer nada”, “o Brasil não tem jeito”, “político nenhum vai pagar minhas contas”, demonstravam certa apatia e pessimismo quanto às expectativas de mudança e transformação.

Nesse sentido, organizei uma aula na sala de vídeo para apresentar uma edição do JC Debates, na TV Cultura, que abordava o tema “jovens inovadores”, relatando, entre outras experiências, o trabalho do jovem advogado Felipe Neves. Idealizador do projeto “Constituição na escola”, em 2016, foi um dos 20 brasileiros premiados no Young Leaders of the Americas Initiative, iniciativa lançada pelo então presidente norte-americano Barack Obama, que escolheu 250 jovens da América Latina e Caribe que desenvolveram propostas inovadoras para problemas sociais. No dia seguinte, fiz contato com Felipe, via e-mail, apresentando as atividades realizadas e o convidei a fazer uma videoconferência com eles, relatando sua trajetória como jovem inovador e abordando o tema “Constituição: lei, direito e cidadania”, temática que estávamos estudando. O Felipe prontamente respondeu e se disponibilizou não apenas a relatar sua trajetória, como a fazer isso pessoalmente na escola. Em março Felipe Neves e sua equipe estiveram na escola e falaram sobre protagonismo juvenil, Constituição Brasileira, direitos e deveres. O debate foi mediado pelo professor de Filosofia, Carlos, que além da temática principal, também abordou questões sobre a PEC 241, reforma da Previdência, racismo, organização e função dos poderes na composição do Estado brasileiro. Nos anexos desse relato, compartilho algumas fotos desse momento. Nessa ocasião, os estudantes foram convidados a participar da 1ª Olimpíada Constitucional de São Paulo, através da produção de um texto que utilizasse fundamentos legais, presentes na Constituição Brasileira, para se posicionar contrário ou favorável à polêmica do projeto “Cidade Linda”. Os estudantes do 2º e 3º anos

participaram com 4 textos, infelizmente nenhum deles foi selecionado para a final, mas receberam menção honrosa como a única escola do interior de São Paulo a participar do concurso.

Nessa etapa de debates, intitulada "Debates: (des)construindo saberes", a partir das leituras e temas selecionados, organizei mais dois encontros. O segundo, realizado em maio, teve como tema a política e a cidadania como práticas inerentes a toda sociedade humana. O contexto político do país na ocasião, mais do que apenas indicar uma lamentável realidade de corrupção e descrença no fazer político, nos chamava à reflexão crítica para a formação de uma consciência social mais íntegra e ética. A partir da leitura do livro Cidadão de papel e dos vídeos "O que é Política", "Como se informar sobre Política", do Canal Política Sem Mistérios; "O que é Política" e "O que é Cidadania", da Escola Virtual de Cidadania da Câmara de Deputados, os estudantes produziram textos e debateram, com os colegas e professores convidados, os desafios do exercício consciente da cidadania. O debate contou com a participação da estudante Pauline, conluente do ensino médio no ano anterior. Pauline relatou os desafios e encantos de sua trajetória estudantil na escola e propôs uma reflexão crítica da política e da cidadania ao alcance das nossas mãos. Durante sua fala, fez questionamentos e provocações como: "Quais são nossas escolhas, ações?"; "De que modo contribuimos para o desenvolvimento da política e o exercício da cidadania? Na escola, no bairro, na cidade, no país?"; "O que eu tenho com tudo isso e qual o impacto da minha ação, ou da minha não ação, no meio social em que vivo?". Foi um momento bastante enriquecedor, em que pôde-se debater temas pertinentes ao ambiente escolar, especialmente no que se refere à convivência coletiva e as posturas adotadas que retratam muito mais que simples ações, mas atitudes próprias de uma mentalidade que ainda precisa construir a noção de bem comum. Um exemplo desse debate foram as reflexões que os estudantes fizeram sobre o "furar a fila" na hora do lanche e do almoço, ou seja, queremos um país livre de corrupção, mas "eu furo a fila para almoçar primeiro". Abaixo seguem alguns trechos dos ditos dos estudantes nessa ocasião:

"A realidade é como um espelho de nós, reflete o que fazemos. Se a política vai mal é porque vamos mal." Vinicius, 3º ano.

"Quando o rei da França disse: o Estado sou eu, mostrava que a condição das pessoas era de não participar, eram só súditos, obedientes. Mas hoje, será que mesmo num Estado de democracia, se não participamos criticamente, se não agirmos, não ficamos nessa condição?! Súditos de um Estado democrático??" Larissa, 3º ano.

"Não sei se faz muito sentido, professora, mas eu fico pensando assim: se não valoriza a educação, e não valorizam, formam uma sociedade leiga. E isso é bom pra eles, porque uma sociedade assim é mais facilmente corrompida. Então é um ciclo, pra manter isso." Adriana, 1º ano.

" O problema da sociedade é normalizar o que é errado. Aí ninguém mais se espanta." Adriana, 1º ano.

"Não mude quem você é, mas se molde para ser uma pessoa melhor." Pauline.

"Vivemos em uma sociedade em que só precisa aparentar ser, não precisa ser." Any, 2º ano.

"Política não é apenas usada no termo que envolva temas partidários, mas sim a que está presente no nosso dia a dia e que tenhamos em mente que ela é constituída por relacionamentos com as pessoas como, por exemplo, em casa com a família (filhos, pais, mães), aquele dia no shopping com as amigas ou qualquer outro tipo de comunicação e diálogo." Gisele, 2º ano.

"A convivência gera política. Não há sociedade sem política." Giovana Cardoso, 3º ano.

A última mesa de debate ocorreu numa fria manhã do dia 20 de junho e foi aquecida com a mais efetiva energia transformadora da realidade social: o saber compartilhado. Saber esse compartilhado por estudantes que não estavam mais apenas frequentando a escola, mas vivenciando-a na sua principal finalidade: a formação cidadã de modo crítico e consciente. Essa mesa foi um momento bastante especial pra mim, pois pude presenciar uma mudança significativa na atitude protagonista dos meus estudantes. Talvez, aos olhos de quem vê de longe, tudo possa parecer muito simplório: estudantes lendo, escrevendo, falando. Mas para quem vê de perto ou, pelo menos, espia curiosamente, também conseguiu perceber a grandeza daqueles fazeres.

Naquela manhã desafios foram aceitos, medos foram superados, palavras de saber foram proferidas por aqueles que, infelizmente, na maior parte do tempo são apenas ouvintes ou, o que é pior, muitas vezes sequer são. E não foi uma palavra qualquer. Foi estudada, foi analisada, foi argumentada, foi crítica, foi indignada, foi encantada, foi inquieta, como de fato são as palavras do saber.

As palavras de Walison Daniel, estudante do 2º ano A, relataram sua participação no concurso Parlamento Jovem 2017, pela leitura de um projeto de lei complementar de sua autoria. O projeto de Walison foi complementar à Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Conforme registrou no seu projeto de lei, Walison acredita que se tivermos uma escola com política, não será necessário uma escola sem partido. Acredita, também, que o estudo da Ciência Política e da política brasileira deve ser obrigatório na formação básica escolar pois: "Carecemos dessa formação, devemos preencher essa ausência construindo uma estrutura politizada na educação básica escolar, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma consciência coletiva de que a política rege toda vida social, afinal somos seres políticos. Em suma, usufruir de uma sociedade que, por sua vez, não torna a política uma artimanha no sentido de conservação do poder." Esperançosas palavras do Walison, estudante que, em razão dos efeitos da síndrome do pânico, ficou afastado da escola e jamais cogitava fazer uma apresentação pública ou mesmo leitura em voz alta. O texto de Walison não foi apenas uma boa ideia, reconhecida no concurso nacional com maior nota no critério justificativa. Seu texto foi uma superação pessoal, como ele mesmo disse: "Mesmo tremendo muito e o coração quase saindo pela boca, eu consegui." Ainda nessa manhã, Letícia, Lorena, Larissa e Gabriel, estudantes do 3º ano A, trouxeram palavras tantas vezes silenciadas. Dizeres quase sempre apagados pela voz de uma sociedade que ainda não aprendeu a superar suas desigualdades e, assim, pune, agride e violenta, como se estivesse a fazer o bem. Gabriel, Lorena, Larissa e Letícia, deram vozes às mulheres do cárcere. A condição de violência vivenciada por mulheres no sistema penitenciário brasileiro. As palavras do grupo, seus dados e relatos, por várias vezes, nos calaram. Aquele silêncio que impacta, choca, mas não imobiliza. Pois as palavras por eles ditas não permitiram mais a "indiferença", o "tanto faz" do julgamento ligeiro e superficial. Os dizeres do grupo sobre tal realidade promoveram, naquela manhã, a reflexão crítica e, quiçá, promoverão, nessas sementes plantadas, a construção de uma mentalidade que ocupa-se em construir mais do que destruir.

A partir desse trabalho sobre a violação dos direitos humanos, orientado no 3º ano, que apresentei aos estudantes o projeto "Mulheres Inspiradoras", da professora Gina Vieira Ponte, e foi um entusiasmo só. Como no 2º ano estaríamos no segundo semestre trabalhando a temática da violência, convidei o grupo da Letícia para apresentar a pesquisa que eles realizaram sobre a condição de violência do sistema penitenciário feminino no Brasil. Após a apresentação do grupo, os estudantes do 2º ano tiveram como

desafio elaborar cartazes acerca da temática. Os cartazes ficaram ótimos. Organizamos uma exposição deles na escola e enviamos os registros à professora Gina, convidando-a a conversar conosco sobre seu projeto. A professora aceitou prontamente e no dia 19 de setembro, em uma videoconferência pelo hangouts, tivemos a oportunidade de uma valorosa conversa sobre os desafios da escola pública na construção de uma sociedade menos violenta e preconceituosa, e do papel do jovem na construção de uma educação de qualidade. Nas palavras da professora Gina: "Como foi bom ouvi-los. Foi lindo quando eles me contaram que ficaram tão impactados pela experiência de participar de um projeto pedagógico vivo, que lhes permitiu entender o que acontece no seu entorno, na vida, no mundo, que eles criaram o projeto "Jovens Multiplicadores", a partir do qual, eles e elas, estudantes do segundo e do terceiro ano do ensino médio, atuam como líderes, oferecendo oficinas temáticas aos estudantes dos novos anos, para que eles também sejam inseridos no ensino médio nessa perspectiva de educação viva, que dialoga com a atualidade." Sobre essa ação proposta pelos estudantes, "Jovens Multiplicadores", relatarei na avaliação. Conhecidos que se desconhecem, foram as palavras escritas por Giovana Cardoso, estudante do 3º ano C, para falar de intolerância. Giovana nos explicou a concepção, as características, os encontros e desencontros promovidos pela intolerância.

Giovana, em seu texto, nos fez lembrar que a intolerância atrapalha o desenvolvimento das sociedades e da convivência humana, pois uma pessoa intolerante é uma pessoa que parou de aprender. Não aceita o que outras pessoas querem, pensam, gostam ou fazem. Assim: "As pessoas acham que ser intolerante é mais cômodo, pois não precisa analisar um outro ponto de vista. Não se constrói a empatia entre as pessoas se só defendermos o nosso ponto de vista como o ideal e único possível. A intolerância nos impede de ver muitas coisas. Impede-nos de expandir. Impede-nos de aprender, de conviver. (...) A intolerância nasce do preconceito e o preconceito nasce da ignorância, então olhemos o todo, vamos começar a conhecer as coisas pra entender como elas funcionam. É assim que se combate a intolerância." Giovana finalizou seus ditos sobre a intolerância com palavras de poesia, compartilhando um lindo cordel de Bráulio Bessa. Naquela manhã de frio, a energia da educação aqueceu mente e coração e se fez concreta, real. Também participaram conosco, nesse debate, o professor Joel, coordenador da disciplina da Diretoria de Ensino, o advogado Diego e a policial civil Carol, ambos contribuíram ao abordar a temática "Estado, política, lei, direito, polícia e justiça: o que garante mesmo nossa cidadania?"; todo o trabalho foi mediado pelo professor de Filosofia, o Carlos, sempre tão pontual no controle do tempo. Na finalização dessa etapa, apenas duas palavras, gratidão e perseverança. Esse era o sentimento.

A última etapa, intitulada "Das considerações à ação: conhecendo o legislativo", foi marcada pelo estudo de campo na Câmara Municipal, na cidade de Elias Fausto, e na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, localizada na capital paulista. Essa etapa foi idealizada após perceber que muitos dos estudantes não sabiam onde ficava a Câmara Municipal e nem qual era o papel do vereador dentro da cidade. Ao trabalhar os três poderes da república, executivo, legislativo e judiciário, destaquei o poder legislativo como aquele que nos representa mais diretamente, pois os vereadores, assim como os deputados, têm como função atender às demandas da população e, para isso, elaboram leis que devem ser aplicadas pelo poder executivo e fiscalizadas pelo poder judiciário. Para viabilizar essa etapa, fiz contato com a Câmara Municipal através de um dos vereadores, que acolheu muito positivamente a proposta. Foi através desse contato que a visita à Assembleia Legislativa do estado também foi viabilizada.

O estudo de campo nas casas legislativas foi realizado em duas etapas. A primeira foi em agosto, com a recepção dos estudantes na Câmara Municipal pela equipe de técnicos e vereadores, que apresentaram o plenário da Câmara, os gabinetes dos vereadores, bem como ocorre o processo legislativo através de



suas sessões. Os estudantes também tiveram a oportunidade de conhecer a galeria com as fotos dos presidentes da casa, momento em que ficaram surpresos por constatar que apenas uma mulher ocupou a função de presidente da Câmara e que ela era, atualmente, a vice-diretora da escola. Na continuidade do estudo de campo, em setembro, os estudantes tiveram a oportunidade de viajar para a capital, São Paulo, e conhecer uma das casas legislativas mais importantes do Brasil e da América do Sul.

O dia de atividade foi organizado em três momentos: recepção e apresentação da trajetória da Assembleia do estado de São Paulo; apresentação dos textos e pesquisas orientadas produzidos pelos estudantes, no auditório do Instituto do Legislativo Paulista e, por fim, visita às dependências da Assembleia e participação da sessão ordinária no plenário principal. O ponto auge desse estudo de campo foi, sem dúvida, a apresentação dos estudantes, que com firmeza e segurança compartilharam suas produções, amplamente elogiadas pelos técnicos mediadores do Instituto do Legislativo. O assessor do presidente da Assembleia acompanhou toda a apresentação dos estudantes e ficou impressionado com a qualidade das produções, tanto que conseguiu junto à sua assessoria que o presidente da Assembleia recebesse os estudantes na sala de reuniões oficial em que recebe os chefes de Estado. Foi um dia intenso, em que foi possível verificar na prática parte do que foi estudado nas aulas e leituras durante todo o ano. Mesmo que o destino tenha sido a Assembleia Legislativa, só o fato de se ter ido à capital do estado já foi uma experiência válida para muitos estudantes que, morando no sítio e trabalhando na lida da terra, nunca tinham saído da pequena cidade de Elias Fausto. Nos anexos desse relato, compartilho algumas fotos desse momento e a reportagem feita pela TV Assembleia.

## **Avaliação**

### **Aprendizagem**

A inquietação que motivou a realização do projeto foi a ausência da reflexão crítica. Fosse na análise de uma reportagem jornalística, fosse na leitura de textos ou fatos sociais tratados em sala de aula. Mais especificamente, aqueles que se referiam às questões políticas. Muito se falava, porém pouco se construía em termos de análise crítica e de perspectivas de ação/transformação. Outro objetivo era romper com a ideia de que a Sociologia era a disciplina do "oba oba" e de que qualquer coisa, de qualquer modo, poderia ser feito ou dito, sendo que era a opinião pessoal que contava e só. Em termos gerais, o objetivo era desenvolver um trabalho pedagógico vivo que possibilitasse a reflexão crítica e a atuação protagonista dos estudantes.

Eu não pretendia convencê-los de que meus argumentos eram os melhores, nem tampouco, que devessem pensar e defender minhas teses, pretendia que eles constituíssem possibilidades de criar seus próprios argumentos e entendessem a grande diferença entre falar mal e fazer uma crítica, que eles superassem a leitura ligeira que somente aponta culpados, pois, como sempre costumo dizer a eles, qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa. A realidade social é complexa e, por isso, qualquer análise ligeira tende a ser equivocada. É claro que trabalhar essas questões envolve mentalidades e aspectos culturais que não são possíveis de mudar da noite para o dia, nem tampouco se alcançar uma homogeneidade dos resultados. É fato que nem todos os estudantes foram impactados da mesma forma. O movimento da reflexão crítica é mesmo irregular. Porém os textos, debates, comunicações e atitudes apresentadas pela grande maioria dos estudantes, demonstraram que se não percorremos o caminho todo, pelo menos estamos na trilha certa.

Importante mencionar que todo esse trabalho não teve início no ano de 2017, embora as atividades aqui relatadas datem, todas, desse recorte de fevereiro a dezembro de 2017. A inquietação que resultou na idealização desse projeto começou quando assumi as aulas de Sociologia no ensino médio, em 2014, e foi, aos poucos, tomando forma até o ano de 2016, quando o projeto Pensar bem nos faz bem começou se efetivar.

Antes de destacar os resultados, quero relatar alguns pontos que não se efetivaram plenamente e outros que não foram possíveis de ser executados conforme havia planejado inicialmente. Quando comecei a receber a devolutiva escrita dos estudantes, logo percebi o potencial que aqueles registros apresentavam para a elaboração de um livro. Em todos os encontros e mesmo durante as aulas, eu passei a recolher os textos escritos e anotar comentários ditos por eles durante os debates. Porém, por uma série de circunstâncias, especialmente a dificuldade na gestão do tempo, sendo que o volume de produções e atividades do projeto eram enormes, somados ainda às atividades e produções das aulas regulares e do meu acúmulo de cargo com a prefeitura, lecionando com o ensino fundamental, não consegui em tempo hábil concluir a formatação e diagramação do livro. A ideia inicial era fazer a publicação digital e impressa do livro e promover, junto à comunidade, seu lançamento. Contava para isso com o apoio da direção da escola e da Assembleia Legislativa, instituição que faria a impressão do livro. Além de não conseguir concluir a diagramação completa do material, a Assembleia Legislativa também não conseguiria fazer a impressão no fim do ano e pediu para refazer a solicitação depois do ano eleitoral. Diferente do ano de 2016, em que o produto final das atividades foi a produção de um vídeo documental, que ficou disponível para pesquisa no acervo da escola, o produto final das atividades de 2017 ficou por ser concluído. Mesmo sem o livro, foi realizada uma sessão solene de encerramento na Câmara Municipal, com a participação de vereadores e deputados da Assembleia Legislativa, e uma palestra com o tema A importância e os desafios de uma formação politizada e crítica no ensino básico, proferida pelo professor mestre Gabriel. Nessa ocasião os estudantes do projeto receberam da Assembleia Legislativa um certificado de mérito pelas produções e visita feita àquela instituição. Também a Câmara Municipal da cidade homenageou os estudantes com uma moção honrosa pelos trabalhos realizados e pela participação nos concursos nacionais e regionais de redação. Foi um momento gratificante em que comunidade, família e escola, puderam celebrar juntos os desafios superados e as conquistas alcançadas.

Outro aspecto que preciso relatar trata-se da ação “Jovens Multiplicadores”. Durante o encontro de finalização das atividades, no primeiro semestre, os estudantes mencionaram algumas dificuldades que encontraram, especialmente referentes ao exercício da escrita e observaram como teria sido importante terem participado de projetos ainda no ensino fundamental. Ao conversarmos sobre os limites e possibilidades da realidade escolar do município, o estudante Walison propôs a ideia de realizarmos, junto aos estudantes do ensino fundamental, oficinas que abordassem as temáticas do valor da educação, da cidadania e da política, na nossa vida diária. Prontamente acatei a ideia e os desafiei a escreverem um projeto para execução desse trabalho. Dessa forma, surgiu a ação “Jovens Multiplicadores”, com objetivo de socializar os conhecimentos e oportunizar, ainda no ensino fundamental, uma mentalidade voltada para o exercício cidadão. Os estudantes se organizaram em grupos e montaram um cronograma de oficinas, que funcionaria como minicursos com os temas: Educação e cidadania, para os estudantes dos 6º e 7º anos, e Escola e cidade, para os estudantes dos 8º e 9º anos. Com a documentação pronta e a organização das oficinas finalizadas, agendei uma reunião com a Secretária de Educação do município e a coordenadora do ensino fundamental, para apresentar a proposta e obter autorização. A ideia foi bem recebida tanto pelos gestores como pela diretora da escola, nossa única solicitação de contrapartida a

eles era a disponibilização do transporte (ônibus) para levar as turmas de estudantes de uma escola para outra. Infelizmente, devido a problemas de corte de verbas da prefeitura, o transporte não foi mais disponibilizado, inviabilizando a continuidade das oficinas e apenas um encontro foi realizado. Por fim, tanto o livro, quanto a ação “Jovens Multiplicadores”, são metas para continuidade do projeto.

O desenvolvimento do projeto possibilitou aprendizagens aos estudantes e principalmente a mim, no que se refere à minha prática profissional. Já há alguns anos vinha sentindo a necessidade de voltar a estudar para dar conta de uma realidade a qual é completamente diferente daquela em que participei como estudante e me formei como professora. Toda mudança promovida pela tecnologia da informação afetou a concepção de tempo e espaço, vivemos literalmente outros tempos, porém a escola permanece. E permanece como num tempo/espaço o qual não é mais compatível com a realidade atual. Meus estudantes são digitais e eu ainda sou analógica. Toda essa experiência só confirmou o que já vinha sentindo há algum tempo, preciso me atualizar e reconsiderar minha prática de professora palestrante. Pois não espanta meu estudante estar na escola e não saber ler e escrever. De modo geral, ele está ali para isso: aprender a escrever as letras, os símbolos; aprender a ler essas letras, símbolos, o outro, a si e o mundo. O que me espanta e entristece é meu estudante sair da escola sem esse saber. Isso me incomoda. E é esse o enfrentamento que me move. E esse foi, certamente, o maior aprendizado desse projeto.

Um projeto desafiador, contudo possível. Possível na medida em que o querer coletivo se ajustou numa mesma perspectiva: fazer do ambiente escolar um efetivo espaço de aprendizagem e de democratização do saber. O esforço se efetivou no acreditar e investir na educação e no processo de aprendizagem dos estudantes, de forma participativa e colaborativa, somando experiências, compartilhando responsabilidades e criando objetivos comuns. A canção Condor, de Oswaldo Montenegro, traduz bem as experiências vivenciadas com o projeto: “voa condor, que a gente voa atrás, voa atrás do sonho... com o céu por detrás.” Na atual realidade escolar, tão desafiadora, mais que competência e vontade, é preciso coragem para, além das adversidades, vislumbrar em cada oportunidade a possibilidade de alçar voo. Que essa coragem se refaça a cada dia e que nosso voo não nos seja roubado.

Para finalizar, registro alguns resultados:

- Cultivo da prática de leitura, reflexão e escrita, de forma dinâmica e abrangente, incentivando o desenvolvimento do pensamento crítico através da superação do senso comum acerca das temáticas sociais, políticas e culturais estudadas na disciplina de Sociologia no ensino médio regular;
- Interação entre os estudantes de diferentes anos do ensino médio;
- Protagonismo estudantil através da mobilização da prática social e educativa, sensibilizando os estudantes do projeto e demais estudantes da escola para a importância do empreendedorismo social;
- Positivização do uso dos recursos multimídias (computador, celular, internet etc.) e dos meios de comunicação digital (whatsapp e redes sociais, de modo geral) no ambiente escolar e no processo de aprendizagem;
- Exercício da comunicação oral, apresentação em público, defesa de ideias e construção de argumentos;
- Criação de multiplicadores da prática de leitura e análise, a partir da experiência compartilhada. A experiência difundida dos estudantes envolvidos no projeto proporcionou interesse aos demais colegas

da escola, incentivando a prática da leitura e do debate; as aulas em forma de debate tiveram outro aspecto após a realização das mesas de debates;

- O intercâmbio e o contato com instituições da cidade e região, através das parcerias realizadas pelo projeto;
- Qualificação da relação professor e estudante, unidos em um mesmo objetivo;
- Motivação aos estudos;
- Despertar da consciência crítica.

### **Reflexão**

Acredito que possa, sim, ser replicada, sendo necessário ter disposição para leitura e paciência para ouvir e dialogar. A dificuldade seria identificar, dentro de cada realidade específica, as temáticas pertinentes que cativassem o interesse dos estudantes. Do aprendizado pode-se esperar autonomia crítica e competência da leitura e escrita.